Dependência química
O tratamento pelo olhar das psicólogas.

Larissa Cortez Sarmiento
Universidade do Sagrado Coração, Bauru/ SP
e-mail: larissasarmiento@bol.com.br

Sany Estefani Devides
Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP
e-mail: sanydevides@hotmail.com

Ms.Josefina Daniel Piccino
SOBRAPHE-SP
josefina@sobraphe.org.br

Ms. Marlene Marchi de Sousa.
Universidade Sagrado Coração, Bauru/SP.
Email: lenemarchi@yahoo.com.br

Pôster

Pesquisa em andamento

Introdução

A Dependência Química se tornou um problema social em nosso país, pois o homem cada vez mais vem buscando alternativas para aumentar o seu prazer e consequentemente diminuir o sofrimento. As políticas públicas utilizadas não estão dando conta de minimizar e muito menos cessar os prejuízos produzidos pelas drogas no âmbito social, físico e psicológico, comprometendo severamente a existência do homem em todas as suas dimensões. Uma das questões relativas a esse problema diz respeito ao preparo dos profissionais da saúde que demonstram pouco entendimento de como lidar com a demanda da dependência química.

Este trabalho, realizado no decorrer do curso de Especialização em Psicologia Clínica Fenomenológico-existencial, na Universidade Sagrado Coração, em parceria com a SOBRAPHE SP, tem a proposta de apresentar um relato de experiência das psicólogas, pesquisadoras, que inseridas no serviço de saúde se ocupam do tratamento de dependência química. O objetivo desse estudo foi desvelar quais os motivos que fazem com que as usuárias de crack mantenham seu uso apesar dos constatáveis prejuízos físicos, psicológicos e sociais que ele produz. A compreensão das motivações contribuirá para desenvolver recursos auxiliares para as intervenções de equipes multidisciplinares.

Esse estudo, subsidiado teoricamente pela Psicologia Existencial, e pelo método fenomenológico, não busca encontrar respostas absolutas, nem mesmo excluir as conclusões já obtidas em outros estudos, mas "colocar em liberdade" os fenômenos envolvidos no uso do crack tais como eles aparecem.

A primeira inquietação das pesquisadoras vem ao encontro do questionamento já levantado por Piccino (1988, p.100-101), "[...] Quando alguém está doente? E quando está saudável? Que critérios devem ser usados para tal definição?

Heidegger, (1965 apud Piccino, 2000) afirma que a doença é um "fenômeno de privação", sendo que em toda privação esta a co-pertinência essencial, aquilo a quem falta algo, de que algo foi suprimido.

A pessoa quando se encontra doente, experimenta a privação de seu poder-ser, uma vez que se encontra mergulhada em seu modo de não-ser mais saudável, em toda a sua integridade, não apenas fisicamente.

Segundo Boss, (apud Forghieri, 1993) quando o homem adoece ele "não dispõe livremente de todas as possibilidades de relação que poderia manter com o mundo, ou seja, o seu horizonte de possibilidades fica significativamente restringido.

ParaPiccino (2000) existir é ser-aí, no mundo, "estar-aí-junto às coisas e acontecimentos e estar-aí-com o outro Dasein" que é com outros homens, numa relação de interdependência, de intersubjetividade, afetando e sendo afetado por tudo que vem ao seu encontro.

Metodologia

Este estudo, de natureza qualitativo fenomenológico-existencial, tem um caráter exploratório na medida em que foi desenvolvido por intermédio de

bibliografias disponíveis sobre a temática da drogadição, associadas à análise fenomenológica realizada pelas pesquisadoras em cima dos relatos das pacientes durante atendimentos, bem como, as percepções e anotações das psicólogas pesquisadoras sobre o que se passa com as usuárias de crack, no cotidiano de suas práticas clínicas.

As referências utilizadas para coleta de dados foram livros, revistas, artigos científicos disponibilizados nas bases de dados Bireme, Pubmed e Scielo-Brasil.

O método fenomenológico se faz adequado em pesquisas que tem o propósito de apreender os fenômenos vivenciais em seus significados e sentidos. Segundo Dartigues (1992), Husserl define a fenomenologia como *ciência dos fenômenos*, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dadoem si mesmo à consciência do homem.

Heidegger em sua obra “ser e Tempo” publicada em 1927, revela os existenciais fundamentais do Dasein; sendo eles, “abertura”, “compreensão do ser”, “poder-ser”, “disposição afetiva”, “ser-no-mundo”, “temporalidade”, “espacialidade”, “ser-para-morte”, etc. Esses existenciais são revelados no nosso cotidiano (onticamente) através da multiplicidades de modos de ser e existir.

Resultados/Discussão

A realidade vivida pelas psicólogas pesquisadoras no decorrer dos atendimentos, possibilitou-as compreender quea existência vai além do que é mostrada nos livros, e que a forma com que essas mulheres têm vivido vai além da dor e do sofrimento acessado por medicamentos.

Nos atendimentos, ficou evidente que a decisão pela necessidade de internação, foi atribuída pela maioria das internas a terceiros, o que revela a falta de autonomia e a dificuldades dessas mulherester clareza de sua maneira de ser e estar-no mundo. A existência comprometida e restringida pelas drogas, caem no descuido de si, restringindo as suas possibilidades (HEIDEGGER, 2009).

As pacientes revelam tristeza e solidão, experimentada diante da incompreensibilidadee do preconceito dos profissionais da saúde em relação a realidade vivida, o que evidencia, o despreparo desses profissionais. Contaminados pela mídia e pela falta de conhecimento, os profissionais de saúde associam o consumo de drogas a falha ou falta de caráter e não a um problema de saúde. Essa

incompreensão, geradora de estereótipos negativos e descriminações, alimentam os preconceitos.

As discriminações e rejeições experienciadas também no seio da família, as fazem vivenciar sentimentos de rejeição, solidão e desamparo, desestimulando o desejo de retornar à própria casa para se recuperar, razão pela qual, a rua, o grupo acaba por ser mais confortante emocionalmente, viabilizando a reincidência às drogas e até a prostituição.

O preconceito é um fenômeno que compromete sobremaneira o principio fundamental da fenomenologia que é “ir aos fenômenos mesmos” e apreender a realidade tal como verdadeiramente se dá (DARTIGUES, 1992).

A motivação inicial dessas mulheres revelou-se não estar na mudança, mas no desligamento daquilo que a pouco a incomodava. Percebe-se nos depoimentos, a dificuldade de vivenciar esse processo de reclusão com a internação.Muitas mulheres não reconhecem o tratamento como necessário, e outras vêem a internação como forma de punição da família e até mesmo da sociedade.

Os relatos das pacientes revelaram as dificuldades de lidarem de maneira construtiva com a própria existência por não conseguirem reconhecer seus limites, possibilidades e responsabilidades diante das escolhas feitas e das que terão que fazer. Muitas apresentam um discursoambivalente durante os atendimentos, oscilando entre a apologia do prazer e felicidade alcançada pelas drogas bem como o choro, implorando ajuda.

Heidgger (2009), afirma que a pessoa quando se encontra doente, experimenta a privação de seu poder-ser, uma vez que se encontra mergulhada em seu modo de *não-ser* mais saudável, em toda a sua integridade, não apenas fisicamente, razão das dificuldades em realizar escolhas saudáveis e coerentes com o seu ser. Dessa forma, a existência se dá de forma inautêntica, ou seja, o homem conduz o seu cotidiano encobrindo o seu ser, por interpretações errôneas de sua própria existência.

Sousa (2013) aborda a questão da ambivalência e entende como um conflito que existe entre o mudar e o permanecer, no comportamento atual. O conflito básico da ambivalência, "quero, mas não quero" é o tema central da dependência para ele.

Para Heidegger (2009), *Dasein (ser-aí)* tem um papel diferencial por ser o único capaz de refletir sobre o seu ser, de questionar aquilo que ele é e como ele é, explicar o seu próprio ente. E o fato dele existir e se perceber com existente já traz

em si a abertura de ser questionamento, ser compreensão de seu ser e dos entes do mundo.

O processo de tratamento para o terapeuta tem em si a busca de sentidos, de fenômenos que acessem as crises do homem no mundo. As relações afetivas formam redes subjetivas fundamentais para a formação da personalidade e do projeto existencial.

Conclusão

Sabemos que para seguir adiante é preciso sistematizar um caminho, traçar rotas, repensar escolhas e desvendar o então desconhecido. Identificar o que mantém cada usuária no uso é a forma que tem auxiliado no tratamento e mantido algumas em abstinência durante um período considerável. Para isso se faz necessário descortinar os preconceitos e estimular os fatores de proteção potencializando essas mulheres para novas escolhas.

Considerando que para Heidegger(2009) o homem é “abertura” e por isso, “poder ser”, o trabalho terapêutico deve ter o alcance do “ser” dessas mulheres nas suas dores e necessidades, naquilo que a estão conduzindo à caminhos pouco saudáveis e construtivos, e assim permitir um novo redirecionamento existencial, abrindo possibilidades para novas maneiras de ser e estar-no-mundo.

PALAVRAS-CHAVE: crack; dependência química; existência; fenomenologia.

REFERÊNCIAS

DARTIGUES, A.(1992). **O que é Fenomenologia**. São Paulo: Ed. Morais.

FORGHIERI,Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** Fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Ed Pioneira, 1993.

HEIDEGGER, M. **Seminário de Zollikon**, Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed Universitária São Francisco, 2009.

PICCINO, Josefina Daniel. Interpretação dos Estados-Limites à luz da Ontologia Heideggeriana. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2000, Campinas - SP.

SOUSA, P. F. et al. **Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para mudanças**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v.21, n.1, jun, 2013.